

Dos primatas à civilização: considerações sobre a ética, empatia e educação

From primates to civilization: considerations about ethics, empathy and education

Sérgio Lasta
Faculdade Palotina (FAPAS)
Santa Maria, RS
Cledes Antônio Casagrande
Universidade La Salle (UNILASALLE)
Canoas, RS

Resumo

Este artigo, em formato de ensaio e pertencente ao campo da Filosofia da Educação, discute a relação entre ética, empatia e educação desde a perspectiva do processo evolutivo. Seu objetivo, orienta-se em investigar como é construída a conduta ética nos seres humanos em paralelo aos primatas. De modo geral, o artigo busca analisar como a conduta ética se fez presente no processo civilizatório, bem como se ela é natural ou fruto da aprendizagem, tanto nos seres humanos quanto nos primatas. O trabalho possui abordagem Hermenêutica e fundamenta-se nos aportes teóricos de De Waal, Freud e G. H. Mead. O artigo evidencia que a empatia é uma capacidade natural nos seres humanos, porém é necessário que haja uma mutualidade na relação mãe-bebê para o seu desenvolvimento como um sujeito capaz de atitudes empáticas. Ademais, ressalta que a educação tem um papel relevante para a construção de uma conduta ética e empática, pois também se baseia em relações intersubjetivas e recíprocas.

Palavras-chave: Ética; Empatia; Educação; Evolução.

Abstract

This article, in an essay format and belonging to the field of Philosophy of Education, discusses the relationship between ethics, empathy and education from the perspective of the evolutionary process. Its objective is to investigate how ethical conduct is constructed in human beings in parallel with primates. In general, the article seeks to analyze how ethical conduct was present in the civilizing process, as well as whether it is natural or the result of learning, both in humans and in primates. It has a Hermeneutic approach and is based on the theoretical contributions of De Waal, Freud and G. H. Mead. The article shows that empathy is a natural ability in human beings, however it is necessary that there is a mutuality in the mother-baby relationship for its development as a subject capable of empathic attitudes. Furthermore, it emphasizes that education plays a relevant role in the construction of ethical and empathic behavior, as it is also based on intersubjective and reciprocal relationships.

Keywords: Ethics; Empathy; Education; Evolution.

Introdução

Há uma crença, na literatura e no imaginário humano, que em situações de dificuldades de um indivíduo, de um grupo ou até mesmo de nações inteiras, os sujeitos tendem a revelar e a desencadear ações altruístas e solidárias de forma generalizada. Essas ações são expressas, preponderantemente, na preocupação com a saúde e o bem-estar das pessoas próximas, em campanhas solidárias com foco nos mais necessitados e em simples gestos de apoio e proteção direcionados aos outros. São situações estas que desencadeiam a empatia e a solidariedade diante do sofrimento e das necessidades das outras pessoas. De modo geral, as situações de sofrimento levam à emergência de atitudes solidárias, a uma forma de conexão imediata com o sofrimento alheio, que podemos chamar de empatia, algo que seria natural a todos os seres humanos. Porém, nem todos sentem o mesmo nestas situações porque a indiferença e até mesmo sentimentos contrários à empatia poderão se fazer presentes. Podemos dizer que o ser humano é bipolar, uma vez que poderá ser empático em certos momentos e em outros não.

Pesquisas com primatas, como a desenvolvida por Frans De Waal (2006, 2007, 2010, 2020), apontam que esta capacidade de empatia não é uma característica somente do ser humano; mas poderá ser observada também no comportamento de outros animais, como os chimpanzés e bonobos, considerados nossos parentes próximos. Para o autor ela é inata e está presente em todos os animais. De acordo com a espécie, ela pode estar mais desenvolvida em umas e menos em outras, porém faz parte da natureza.

A empatia também faz parte do processo evolutivo dos humanos, pois atingiram um grau maior de desenvolvimento quando comparados aos outros animais. Entretanto, mesmo assim, o ser humano é capaz de atitudes não empáticas, como violência, agressão e morte. Ou seja, a empatia, por si só, não torna o ser humano solidário, cooperador e ético. Naturalmente, ela necessita ser desenvolvida desde as fases iniciais da vida. Esse papel caberá principalmente à mãe durante o período inicial da vida da criança.

É importante destacar que a visão de que o ser humano nasceria com a capacidade de empatia, de solidariedade e de estabelecimento de vínculos não é totalmente aceita em alguns círculos científicos, filosóficos e psicológicos atuais. Há, inclusive, estudos apontando o contrário. Nesse sentido, apontamos dois exemplos: que do ponto de vista genético somos egoístas (DAWKINS, 2007); que a formação da razão e da cultura constitui uma

segunda natureza humana, a qual se sobrepõe aos elementos naturais da vida. Percebemos que esses pontos de vista se conjugam porque o ser humano é um sujeito bipolar, capaz ao mesmo tempo de atitudes bondosas e maldosas. Desse modo, podemos apontar que a empatia é uma capacidade natural do ser humano tanto para autores da Psicanálise quanto para De Waal. Por outro lado, não podemos desconsiderar que o egoísmo e a violência também fazem parte da natureza humana.

Neste ensaio, partiremos da seguinte premissa: que a capacidade de empatia, de solidariedade e de comportamento ético é algo presente e possível em todos os seres humanos. Entretanto, não estamos afirmando que todos os seres humanos sejam empáticos, solidários e éticos. Exatamente esse é o problema que queremos enfrentar, qual seja, entender como a empatia e a ética poderão ser desenvolvidas. Ademais, interessa-nos compreender como a educação poderá contribuir para o desenvolvimento da empatia e da ética. Neste domínio, cremos que a educação é um importante fator, visto que o ser humano não é uma criatura acabada, com uma identidade fixa e determinada naturalmente; mas um ser em formação contínua, que está em constante construção e reconstrução. Portanto, a empatia antecede a educação porque está também nos outros animais. Para o desenvolvimento da empatia, não sua construção porque faz parte da natureza, a educação tem um papel relevante; pois quanto mais desenvolvida for a cognição, maior seria a capacidade empática apesar disso não implicar em sua prática. Na perspectiva da educação, podemos afirmar que, mesmo sendo uma capacidade natural, ela precisa ser desenvolvida por meio de processos formativos, que iniciam no seio familiar e culminam com a participação e vivência em sociedade. Neste sentido, a escola pode ser um espaço de convivência, de encontro com o outro e de desenvolvimento de atitudes empáticas.

Como já referido, este artigo, de caráter ensaístico, se orienta no plano da teoria da educação, com argumentação filosófica e psicológica, para discutir a questão da empatia e da ética, bem como suas correlações com a educação, desde a perspectiva dos processos evolutivos e formativos humanos. Nosso objetivo consiste, primariamente, em refletir sobre a empatia, sua gênese e sua conexão com a história evolutiva de seres humanos, bem como sua correlação com a ética e a educação. Para isso, nos orientaremos pelo seguinte problema: como a empatia se articula com a ética e a educação, e quais as possíveis relações entre elas desde a perspectiva da evolução do humano? Secundariamente, almejamos

argumentar que ética e empatia possuem papel fundamental no processo formativo humano, não podendo ser desconsideradas no campo educacional. Propomos analisar como a conduta ética se fez presente no processo civilizatório, bem como se ela é natural ou fruto da aprendizagem, tanto nos seres humanos quanto nos primatas.

A metodologia utilizada é a revisão bibliográfica, principalmente os textos de Frans De Waal e de autores da área da Psicanálise e da Filosofia da Educação. A abordagem segue a perspectiva da hermenêutica, com foco interpretativo. Por isso, que o ensaio está estruturado em duas partes. Apresentamos, num primeiro momento, alguns pressupostos da evolução da empatia numa perspectiva histórica. Na segunda parte, apresentamos como a empatia e a educação abrem caminhos à eticidade.

Empatia e evolução: uma breve aproximação histórica

No processo evolutivo e histórico pode-se compreender o ser humano como um animal insignificante que evoluiu e, aos poucos, se diferenciou dos outros animais. Para De Waal (2007) os humanos e os grandes primatas derivam de um antepassado único. Porém, a evolução nos equipou com impulsos cooperativos e, também, com inibições dos atos que possam provocar algum prejuízo ao grupo ao qual pertencemos. A espécie humana, para sobreviver, necessitou operar em grupos, o que torna o ser humano predominantemente social.

Para compreender a evolução humana, um ponto importante é entender qual o papel da empatia. Para isso, é necessário mergulhar no processo histórico do desenvolvimento da cooperação, da solidariedade e de como os nossos antepassados primitivos sobreviveram. A empatia tem sido o eixo condutor da solidariedade e da cooperação no processo evolutivo da humanidade. Segundo De Waal (2008) entre os mamíferos, as fêmeas que sempre sensíveis às necessidades de suas crias superaram as que foram insensíveis e distantes às necessidades dos seus filhos. Porém, a empatia se tornou muito mais relevante para os humanos.

Harari (2018), ao escrever sua breve história da humanidade, comentou que os seres humanos partilhavam seu habitat, há dois milhões de anos atrás, na África Oriental, constituindo uma cultura que foi passando de uma geração à outra, e que chegou aos nossos tempos. Apesar de toda a evolução que a humanidade atingiu, muitas características permaneceram ao longo dos tempos, sobretudo as humanas-familiares. Apesar de termos

atingido um grau elevado de cultura e de civilização, o ser humano mantém comportamentos e características primitivas: percebe-se mães acariciando seus bebês, crianças que brincam na lama, rebeldias contra as regras sociais e idosos que buscam ficar em paz.

Os seres humanos, no passado, também amavam, brincavam, formavam laços de amizades fortes e competiam por status e poder. O interessante de tudo isso é o fato de que essas características e comportamento não são exclusivas, visto que outros animais como os chimpanzés, os babuínos e os elefantes também apresentam essas mesmas atitudes. Além disso, à semelhança dos outros animais, os humanos também pertencem a uma família: *Homo sapiens*. Porém, existe a possibilidade de que o ser humano tenha ‘esquecido’ o seu parentesco com outras espécies, como se tivesse sido concebido separado dos outros animais.

O ser humano sempre acreditou ser único e especial o que nos leva a pensá-lo como um sujeito também narcisista em sua origem (FREUD, 2014). Como um ser habitado por Narciso muitas vezes custa-lhe pensar que descende de uma mesma linhagem de primatas. Portanto, não nos surpreende a recusa em aceitar tais aproximações. Porém, as semelhanças entre humanos e primatas são muito próximas, a diferença está em que o ser humano construiu a civilização com o desenvolvimento da cultura, da linguagem e foram se diferenciando dos outros animais. Entretanto, atitudes primitivas ainda habitam a humanidade, ou seja, não conseguiu evoluir a ponto de banir atitudes violentas e destrutivas. Entendemos que, mesmo tendo evoluído, ainda carregamos uma veia subversiva.

A necessidade de conviver socialmente, especialmente como fator de sobrevivência, significou uma série de aprendizagens e, sobretudo, colocar um freio em alguns impulsos e desejos pessoais, sobretudo os mais destrutivos, em detrimento da convenção social: a repressão entrou em cena (FREUD, 1915 e 1929). A repressão dos impulsos destrutivos e desejos possibilita que o ser humano não se destrua a si mesmo nem a própria cultura (FREUD, 1927). Entretanto, não é tão pacífico como imaginamos. Os impulsos destrutivos pulsam e, muitas vezes, os indivíduos não dão conta e estes impulsos afloram provocando a destrutividade, capaz de se autodestruir e também aos demais. Porém, a evolução nos equipou com espírito cooperativo e as inibições dos impulsos destrutivos nos equipou

contra atos que possam prejudicar o grupo ao qual dependemos (De WAAL, 2007). Possivelmente somos seletivos com relação a esses impulsos, mas nos afetam mesmo assim.

Freud (1912) se refere à horda primitiva que era uma forma de sociedade primeva humana composta por um bando de indivíduos e irmãos que viviam sob a liderança e repressão de um macho poderoso. O pai na horda primeva era superior, confiante, narcisista e independente, alguém que os filhos desejavam se livrar inconscientemente. Esse líder poderoso impunha imperativos categóricos morais, dentre eles a proibição do incesto. Tal líder poderoso iniciou o processo civilizatório com a entrada em cena da repressão dos impulsos mais agressivos. Entendemos que a repressão esteve a serviço da moralidade com a empatia ocupando um lugar central. O ser humano necessitou lidar melhor com suas emoções e ser mais racional, pois as emoções são como uma bússola o que os inibe a atacar e destruir o outro e a moralidade reflete nossos sentimentos. Entretanto, entendemos que não é tão simples assim porque vemos humanos destruindo uns aos outros. Foi nessa interação direta uns com os outros que a moral e a ética evoluíram e a empatia sugere a regra aurífera de como tratar os demais. E, de acordo com De Waal (2007), se conseguirmos ver o outro como parte de nós, sermos empáticos e solidários; assim não estaríamos agindo contra nossa própria natureza, apesar da nossa fragilidade.

Enlaçando o que foi dito com a educação, pensamos que esta poderá facilitar o entendimento dessas dimensões humanas. Entender que somos bipolares capazes de criar e destruir e que as fronteiras entre uma e outra dimensão é muito tênue. A educação poderá nos equipar com a capacidade para pensar, sermos racionais para sentirmos nossas emoções ao invés de simplesmente atuar e projetá-las para fora de forma bruta. Tal capacidade também faz parte do processo civilizatório e está em concordância com o autoconhecimento mediado pela empatia e também pela educação.

A prevalência do processo socializador sobre o desenvolvimento do indivíduo já foi destacada por Mead (1967, 1981 e 1984). Para esse autor, somente pode existir um eu individual em um contexto social. Ou seja, a gênese do eu é social, pois o sujeito somente desenvolve uma identidade pessoal ou uma experiência de si mesmo dentro de uma comunidade, por meio da relação com seu entorno físico e social (CASAGRANDE, 2014 e 2016). Mente, consciência e identidade pessoal são dependentes do processo de

socialização, do encontro com o outro, com a consequente internalização das estruturas simbólicas condensadas nos papéis e atitudes sociais disponíveis na comunidade à qual pertence. Desse modo, podemos afirmar que o ser humano chegou a ser o que é graças à sua convivência com outros semelhantes.

Como seres sociais, os humanos foram construindo o que chamamos de civilização. Juntamente com a cooperação e com a socialização passaram a conviver em sociedade. Com isso, o cuidado de uns para com os outros começou a ganhar força e se sentiram mais protegidos. Porém, o ser humano ainda está em conflito com o que é “feito de forma civilizada ou incivilizada” (ELIAS, 1994, p. 23), e isso põe em tensão o conceito de civilização.

Com o intuito de aprofundar a discussão do tema da empatia e, ao mesmo tempo, pontuar uma literatura pouco comum no campo da educação, recorreremos aos estudos do primatólogo Frans De Waal (2006, 2007, 2010, 2018), para quem a moralidade, a ética e a empatia não estão ligadas ao desenvolvimento religioso ou filosófico, mas ao processo evolutivo. Para esse autor, o ser humano evoluiu graças à empatia, existindo uma continuidade entre o passado e o presente; bem como uma conexão entre os mamíferos mais primitivos e os mais evoluídos. Ademais, ele identifica que encontramos traços de empatia em todos os animais, não somente nos humanos, e isso tem a ver também com a sobrevivência. Os animais cooperam entre si, estão atentos às necessidades, emoções e angústias como um mecanismo para preservar a sua própria existência. Assim, a empatia exerce um papel chave no desencadeamento de atitudes de cooperação.

De Waal (2010) afirma que a empatia evoluiu, nos humanos, desde a capacidade de perceber emoções básicas até a possibilidade de adotar a perspectiva do outro, gerando nos humanos uma espécie de linha de diferenciação em relação aos outros animais. Por outro lado, a empatia poderá ser desativada quando na presença de estranhos, o que leva De Waal (2010) a defini-la como frágil.

Essa comparação, como definiu De Waal (2010) demonstra que a natureza humana é bipolar, causando mal-estar e, ao mesmo tempo, o reconhecimento de que podemos causar danos aos outros, algo típico de atitudes hostis e selvagens. Por outro lado, também podemos apreender dos primatas a solidariedade e a cooperação, os esforços para ajudar os outros, sobretudo em momentos de adversidades. Assim percebemos o ser humano cruel e compassivo, como que possuidor de duas faces, ora como “a joia da criação, ora

como os únicos vilões de verdade no mundo.” (DE WAAL, 2007, p. 16). De Waal (2006) é enfático na afirmação de que carregamos um primata dentro de nós mesmos.

No geral, para os humanos é difícil aceitar essa dualidade interna presente em si mesmo e nos outros primatas, demonstrada na capacidade de empatia e de solidariedade e, ao mesmo tempo na possibilidade de infligir dor e morte. Para De Waal, “Esses dois aspectos da nossa espécie correspondem aos dos nossos parentes vivos mais próximos.” (2006, p. 16). Ou seja, ao mesmo tempo que somos sociais e dependemos uns dos outros para sobreviver, para termos uma vida feliz e sadia, somos capazes de violência contra os outros humanos. Ao mesmo tempo em que nosso corpo e mente estão estruturados para viver em sociedade, poderemos abdicar da vida social e preferir a solidão.

Para De Waal (2010), a empatia poderá ser explicada pela metáfora da *boneca russa* utilizada para entender o seu desenvolvimento no decorrer da vida, de camada em camada. Descreve na metáfora que existem camadas mais internas que são os processos sócio-afetivos. Os processos mais primitivos e inatos estão pré-programados no cérebro do organismo. As camadas mais externas dependeriam da aprendizagem e do funcionamento pré-frontal do cérebro. Existem interações entre as diversas camadas da empatia, estando ela atravessada tanto pelo sócio-afetivo quanto pelo funcionamento cerebral.

Além dos elementos evolutivos, próprios da espécie, o desenvolvimento da empatia é influenciado também pelas relações iniciais do indivíduo. Manifesta-se desde muito cedo com a identificação mãe-bebê, numa sincronização de corpos e os vínculos iniciais abrem possibilidades ou não para processos sócio-afetivos.

Para De Waal (2007) a empatia é central e básica para o ser humano. O citado autor se refere a uma continuidade entre o passado e o presente desde os mamíferos mais primitivos. A empatia parte da base para o topo e evoluiu desde formas mais simples até as mais complexas. Com essa evolução entendemos que existem diferentes formas de experimentá-la. Portanto, nós humanos, apesar da evolução que atingimos, temos muito o que aprender dos primatas. Ainda somos resistentes, porque isso atinge nosso narcisismo.

Educação e empatia: caminhos à eticidade e o que podemos aprender com os primatas

A empatia está relacionada ao processo progressivo de individuação e de socialização. Está numa matriz simbólica, intersubjetiva e comunicativa (CASAGRANDE;

HERMANN, 2017)), pois o que estrutura o indivíduo é o social mediado por processos individuais. O indivíduo se descobre a si mesmo ao adotar uma perspectiva do outro e suas condutas, e vai desenvolvendo seu autoentendimento, pois é na socialização que os sujeitos se individualizam e se tornam membros de uma comunidade partilhando sua intersubjetividade. Com isso passa a adotar atitudes do outro, o internaliza e se comunica: um ego entende o outro ego. Portanto, nessa parte abordaremos o que poderemos aprender com os primatas no que se refere à empatia. Como os primatas se entendem e compartilham subjetividades. Fazemos também enlaces com a educação e como esta poderá mediar a capacidade empática, pois entendemos a educação como um processo de individuação e compartilhamento de intersubjetividades. Para melhor compreender a empatia e a ética, De Waal novamente é um autor guia com suas observações dos primatas.

Entendemos que a educação é um processo vital e contínuo de formação de si mesmo, da cultura e da sociedade. A educação torna os sujeitos singulares e que não há como dissociar educação e sujeito uma vez que possui um papel relevante na socialização dos indivíduos. É importante compreender como a educação, a partir dos primatas, poderá construir indivíduos intersubjetivos. Charlot (2006, p. 15) escreveu que:

[...] educação é um triplo processo de humanização, socialização e entrada numa cultura, singularização-subjetivação. Educa-se um ser humano, o membro de uma sociedade e de uma cultura, um sujeito singular. Podemos prestar mais atenção a uma dimensão do que a outra, mas, na realidade do processo educacional, as três permanecem indissociáveis. Se queremos educar um ser humano, não podemos deixar de educar, ao mesmo tempo, um membro de uma sociedade e de uma cultura e um sujeito singular. E, partindo da socialização ou da singularização, podemos produzir enunciados análogos.

Educar pressupõe a formação da subjetividade em um espaço e tempo intersubjetivo, o que denota a necessidade de compartilhamento de um espaço, para estar juntos, de fazer coisas com os outros (SKLIAR, 2014). Educar também se caracteriza em pensar no outro, mobilizar todas as formas possíveis para conviver consigo mesmo e com os demais. Para tanto, a empatia, enquanto capacidade de perceber e colocar-se no lugar do outro é uma necessidade, permitindo olhar para fora de si mesmo e se encontrar com o outro.

O encontro com o outro gera a sincronização corporal, um contágio que é uma das qualidades da empatia, um contágio anímico com outro animal. Para De Waal (2013) muitos mamíferos dão provas desse contágio com atitudes passivas que geram compaixão e

adoção do ponto de vista do outro. A diferença é que nós humanos julgamos as ações que não nos afetam diretamente e criamos um sistema de justificação ou de castigos para nosso agir. Portanto, para De Waal e suas pesquisas é possível buscar algo de humano entre os primatas o que ajuda a alargar a construção da história com novas estruturas.

Em suas pesquisas, De Waal aposta na biologia e toma posição frente ao caráter normativo da religião cristã, mas não a omite. Para ele existe um naturalismo ético e empático e constata que não é possível um conhecimento da ética e da empatia sem uma experiência imediata e se expor, ser passivo. Portanto, para o citado autor o ser humano não é naturalmente mau, a espécie mais perigosa porque pode se transformar. Porém, ajudar o outro implica o reconhecimento de um certo grau de inteligência de certas espécies que cuidam uns dos outros. A empatia está presente em todos os animais, mas se manifesta mais claramente naqueles que se reconhecem, que têm consciência de si mesmo.

A empatia, inata, vai sendo construída como se constrói um edifício e é nessa metáfora que nós humanos compartilhamos características com os primatas, por isso não há como negar as raízes da ética humana. Para De Waal (2013) precisamos ter uma visão de conjunto, pois é consequência direta das tendências cooperativas observadas nos primatas que foi um dispositivo para a sobrevivência. Há uma continuidade histórica que se traduz numa agenda de aprendizagens. Tal agenda, de acordo com De Waal (2013) possui três níveis. No primeiro nível estão os elementos básicos da empatia e da ética como a resolução de conflitos e sentimentos de justiça. Portanto, as pessoas não decidem ser empáticas, simplesmente são.

O segundo nível refere-se De Waal (2013) à pressão dos membros que gera comportamentos conforme a expectativa da comunidade. Segundo o autor citado não há linha divisória entre as emoções dos humanos e dos animais. A empatia flui de um corpo para o outro, existe um canal corporal na empatia. O terceiro nível é a interiorização das necessidades e dos objetivos, pois o impulso é fazer o bem, confiar e assistir aos demais. Somente secundariamente se pensa em si mesmo (DE WAAL, 2013).

A empatia e a ética vêm de dentro do ser humano, fazem parte de sua biologia, também observada nos primatas. Ambos se movem num impulso benevolente e a empatia é um potencial inato. Com isso, entendemos que a linha evolutiva dos seres humanos vai de

mãos dadas com os antropóides como uma conexão. Por isso que a empatia funda raízes no processo evolutivo e biológico.

O que percebemos, portanto, é que desde o ponto de vista apresentado por De Waal (2013), a ética e a empatia são anteriores a própria civilização, são compartilhadas com outros animais, em níveis gradativos diferentes, e estão em consonância com o processo evolutivo. Entretanto, para De Waal (2020) o conhecimento não torna o ser humano empático. A empatia é um potencial a ser desenvolvido desde as relações primitivas mãe-bebê. No nosso entender a educação seria um incremento a mais para transformar o ser humano e torná-lo mais humano, pois é feita de relações mediada pela empatia e pela ética. A empatia antecede a educação e o conhecimento e não o oposto.

Na perspectiva da formação humana, podemos postular que a empatia e a ética são capacidades que necessitam de desenvolvimento, o que denota a importância de um ambiente e dispositivos favoráveis para o seu processo formativo. O primeiro ambiente é o da família, sobretudo com a ação da mãe nas fases iniciais do desenvolvimento da criança. A educação formal, especialmente a escolar, também possui dispositivos para que essas dimensões sejam incrementadas, bem como a socialização e o encontro com o outro (CASAGRANDE; HERMANN, 2020). Desse modo, a educação também participa desse processo formativo, corroborando em maior ou menor grau com a formação da capacidade empática e das emoções que circulam no ambiente.

O que podemos perceber e generalizar é que existe uma espécie de ética do cuidado, que está presente nos animais que cuidam da sua prole nos primeiros momentos da vida, e isso cria uma base comportamental que corrobora no desenvolvimento da capacidade básica para a empatia. Para De Wall (2007, 2010), a empatia é encontrada em diferentes níveis entre as espécies. Com isso podemos inferir que os animais tidos como mais evoluídos teriam conseqüentemente a capacidade empática mais evoluída. Nesse interim, podemos pensar que o ser humano seria o animal com maior potencial empático dentre todas as espécies, e que a educação conformaria uma estratégia e um ambiente favorável ao seu desenvolvimento, porque possui dispositivos pertinentes para isso, especialmente contribuindo com a aprendizagem de uma cultura, e a formação da solidariedade e de uma identidade pessoal (CASAGRANDE; BOUFLEUER, 2018).

Na perspectiva da psicanálise, as relações e as figuras parentais desempenham papel relevante na formação da empatia. O que produz a empatia na relação mãe-bebê é a identificação projetiva, um dispositivo que possibilita olhar para alguém e se identificar com seu mundo interno e sua situação pessoal, captar o que está sentindo e decodificar (KLEIN, 1957, 1958). Esse processo tem início nas relações mãe-bebê, visto que a mãe decodifica as ansiedades e angústias do seu filho e o entende e, com isso, o desintoxica. O bebê se sente aliviado e seguro, criando elos com a mãe. Ele aprende, aos poucos, a lidar com as frustrações e com o mundo exterior, entende que a mãe tem algo bom para lhe oferecer. A mãe empática penetra o corpo do bebê com seu olhar, com seus sentimentos se identifica com ele e, assim, o compreende, criando vínculos. Deve-se levar em consideração que, no decorrer desse processo de formação, se houver falhas significativas, esse vínculo não se concretiza ou, caso se estabeleça, poderá ser muito frágil e facilmente rompido o que poderá dificultar o desenvolvimento da capacidade empática (BION, 1991, 1994; KLEIN, 1991; WINNICOTT, 1975; FULGÊNCIO, 2013).

Quando fazemos o exercício de transpor esse conceito de vínculo do campo psicanalítico ao da educação, parece ficar claro o papel central que o estabelecimento de vínculos opera nos processos de ensino e de aprendizagem. Em outros termos, como a educação também depende de relações que vinculam os diversos sujeitos nela implicados, se não houver vínculos, teremos déficits formativos. Como expressado anteriormente, a falta de empatia compreende um rompimento com os elos que poderiam ser criados com os outros. Na educação também é importante que existam elos, que se estabeleçam vínculos com todos os agentes que a compõem. Desse modo, o narcisismo seria um dos empecilhos para criar esses vínculos, tanto maternos com o bebê como com a educação.

O narcisismo operaria na articulação entre o saber e o não-saber e poderá interferir na educação e nos dispositivos empáticos e éticos. Narcisista é o sujeito que cria as próprias leis para satisfazer seus desejos e está encriptado em seu próprio espaço distanciado dos demais. Ao ser como Narciso o sujeito opera de forma arrogante, onisciente e prepotente ao acreditar que o outro não tem nada de bom a lhe oferecer e que se basta si mesmo. A inveja entrará em cena e o sujeito invejoso e narcisista destruirá as qualidades internas do outro e o que ele teria de bom. Articulando com Klein (1957), podemos entender que a educação é algo bom, mas que o invejoso não tolera e ataca as possibilidades de vínculos

com o processo educativo. O invejoso espera sempre ser gratificado e não aceita ser frustrado e que não seja detentor do saber que, para saber, depende de alguém. Trata-se de uma situação mal resolvida ainda na relação mãe-bebê nas fases muito primitivas. O sujeito narcisista rompe também com a ética, pois para ser ético o outro também faz parte do mesmo sistema.

O sujeito narcisista vive numa espécie de encriptamento em seu próprio mundo e barra o compartilhamento de intersubjetividades importantes para a educação, a empatia e a ética, ou seja, não há circuito de afetos; pois o sujeito narcisista não afeta e nem se deixa afetar. O narcisista poderá criar um simulacro de empatia o que adquire uma dimensão política e educacional. Porém, não são somente os narcisistas que criam simulacros. Qualquer indivíduo também poderá bloquear a empatia dependendo da situação. Primeiro sente e depois pensa como agir ou se irá tomar alguma atitude ou não. A empatia requer sincronia e, às vezes, não sincronizamos.

Na empatia existe um circuito de afetos (SAFATLE, 2016) que se articulam e estão sempre em movimento. Tais afetos constroem vínculos onde os desejos circulam. Os afetos fazem um mapeamento do outro e detectam regiões de intensidade e de responsividade para que haja uma ação. São vínculos e afecções que sustentam dispositivos e expressões de afetos que possibilitam a cooperação e a solidariedade. Na educação também os afetos circulam e criam vínculos. Caso não haja esse circuito e nem vínculos é provável que não produza transformações.

A educação abre possibilidades para criar laços de colaboração, de solidariedade e de cooperação, o que remete à eticidade. É importante se deixar afetar e segundo Safatle (2016) a indiferença não significa desafecção, mas uma zona objetiva de indiscernibilidade e, também, de indistinção. Portanto, é importante refletir sobre os afetos e sobre como a vida social os mobiliza e sustentam a adesão social. Por isso que a empatia não é somente uma relação entre indivíduos, mas é também social e política. “Ser afetado é instaurar a vida psíquica através da forma mais elementar de sociabilidade, essa sociabilidade que passa pela *aisthesis* e que, em sua dimensão mais importante, constrói vínculos inconscientes.” (SAFATLE, 2016, p. 38).

De Waal (2010), entende a dimensão política da empatia como mediadora de relações sociais o que nos leva a pensar também na educação. A empatia alargaria os

sentimentos entre as pessoas. Porém, o autor, escreveu sobre o excesso de lealdades à pátria, à religião ou grupos que possibilitam desprezar uns e prezar outros. Sugere que a vida de pessoas estranhas a nós poderá ser menosprezada e como isso bloqueia a empatia por pessoas de outras sociedades e nacionalidades. Entende a importância de desenvolver uma módica capacidade empática para o bem de todos. Portanto, a educação poderá ser um meio para esse desenvolvimento e romper com fundamentalismos, microfacismos, com o individualismo atravessados pelo narcisismo.

Porém, De Wall (2010), em suas observações percebeu que existem atitudes pró-sociais entre os primatas verificadas através dos seus experimentos. Entendeu que os resultados obtidos são compatíveis com a empatia, com a cooperação, com a solidariedade e com o altruísmo. Observou que existe uma filogenia da qual os humanos também compartilham. Porém, essas atitudes, apesar de serem filogenéticas, precisam ser incrementadas nos indivíduos, ou seja, não se desenvolvem naturalmente. Não somos indivíduos independentes como poderíamos pensar, pois fazemos parte de uma rede compacta que nos conecta uns com os outros. Nesse sentido a educação poderá fazer a mediação entre a filogenia e o comportamento pró-social.

A educação, como pró-social, é um espaço em comum para se fazer coisas juntos e estar juntos. Portanto, a educação não é um espaço para pensar somente em si mesmo, mas também no outro tanto no espaço educativo quanto fora dele. Isso sugere que se educa também para a responsabilidade, para a ética, colaboração, solidariedade e para a cooperação. Assim como os primatas aprendem a conviver em grupo e colaboram uns com os outros e não traçam linhas divisórias, mas aceitam a alteridade, educar sugere romper com um ideal individual que se coloca acima dos outros e das diferenças. Existe o risco de o *homo sapiens* se considerar superior aos demais animais e, também, um grupo ou sujeito se sentir superior aos demais. A educação, portanto, teria como intuito devolver ao *homo sapiens* seu lugar no mundo, não cindi-lo com o mundo. Na educação podemos destacar a sua importância para criar uma experiência de mutualidade. Segundo Lejarraga (2008) por mutualidade podemos entender que é uma comunicação silenciosa e íntima que cria sintonia de afetos e de confiança.

A educação não deixa de ser um jogo de confiança em que os indivíduos se deixam conduzir e serem ajudados por outros. Para isso é preciso esmaecer as barreiras, fortalecer

laços e propiciar a cooperação. Segundo De Waal (2010), isso também é um atributo dos outros animais; escreveu ainda sobre a comunicação, o cumprimento da expectativa do outro e sobre o senso de obrigação. Com isso inferimos que temos em nossa conduta elementos dos primatas e entendemos, articulando com De Waal (2007) porque somos o que somos e qual o lugar da nossa espécie na natureza e não podemos pensar que somos tão diferentes das outras espécies. Talvez, mesmo com a educação, não nos diferenciamos tanto como imaginamos, mas a educação tem como intuito nos tornar mais humanos e, portanto, mais empáticos, éticos e cooperativos. Com isso entender o que está por baixo da nossa casca. De Waal (2007) se refere a uma natureza bipolar, os humanos são um híbrido de primatas bonobos e chimpanzés que também se bipolarizam entre a violência e os esforços para ajudar os outros.

A bipolaridade humana também está em consonância com as pulsões e os princípios de funcionamento mental descritos por Freud: pulsão de vida (Eros) e pulsão de morte (Thanatos). Thanatos são os impulsos destrutivos existentes no psiquismo e Eros são os impulsos vitais. Quando sob a hegemonia de Eros o ser humano constrói também relações empáticas enquanto que sob a hegemonia de Thanatos destrói vínculos. Os dois princípios que regem o funcionamento mental humano são: o princípio do prazer e o princípio da realidade. O princípio do prazer está dominado pela instância psíquica Id e o princípio da realidade pelo Ego que faz um bloqueio dos desejos ao levar em conta o mundo ao redor. Porém, mesmo que Thanatos e o princípio do prazer sejam reprimidos não desaparecem e mantêm a mesma energia, e sempre procurarão formas de aliviar a pressão psíquica ao buscar satisfação. Tais pulsões reforçam também o dualismo humano que aparece nas suas interrelações e também na educação. Porém, a educação poderá abrir possibilidades para o autoconhecimento e os indivíduos aprenderem a lidar com seus impulsos.

Para De Waal (2007, p. 11): “podemos tirar o primata da selva, mas não a selva do primata.” Tal argumento se aplica aos humanos. Viver em grupos é uma herança que temos dos nossos antepassados, pois temos muito em comum com eles. Entretanto, raramente consideramos a empatia como uma herança, pois agimos como os primatas agem em muitas situações, mas não aceitamos pacificamente isso. Porém, nós humanos temos a capacidade de nos imaginar nas situações dos demais, no lugar do sofredor, compreender as necessidades dos outros como fazem os bonobos.

A empatia é anterior ao processo de socialização e se desenvolve antes da linguagem (DE WAAL, 2007). Às vezes a linguagem não traduz o que sentimos e a expressamos pelo corpo quando imitamos o comportamento do outro, porém a imitação corporal é comum nos outros animais. Por outro lado, frequentemente nos incomoda ouvir a dor do outro e nos perturbamos porque emoções suscitam emoções numa espécie de contágio. A empatia possibilita ter consciência de si e do outro, o que tem a ver com o processo evolutivo, mas não podemos descartar dos outros animais porque também está presente neles. Segundo De Waal (2007) a empatia atingiu seu ápice na espécie humana, porém os outros animais chegam bem perto da nossa capacidade empática. Entretanto, a empatia ocupa um lugar central na espécie humana e é intensamente interpessoal e de reciprocidade. A empatia seria a única forma de a humanidade vencer a xenofobia e os preconceitos. Apesar da evolução que atingimos e nos considerarmos civilizados, ainda temos em nossa biologia o inumano.

A educação, como a entendemos, é posterior ao desenvolvimento da empatia e a ética. Na educação poderemos encontrar um incremento dessas dimensões que abriria possibilidades para o ser humano ser mais humano. Não é a educação que constrói a empatia e a ética, pois essas fazem parte de uma herança biológica. A animalidade faz parte da natureza humana e, mesmo com a educação, o ser humano não a perde. Por isso que a educação seria um dispositivo para mobilizar formas de convivência social e não somente se preocupar com a aprendizagem. A educação possui um componente de responsabilidade com os demais e a aceitação da alteridade.

Para De Waal (2013) os primatas exibem comportamentos atribuídos apenas aos seres humanos como a empatia, a colaboração, a solidariedade e a ética. Esses atributos são anteriores ao surgimento da própria humanidade como resultado da evolução. Para o autor isso vem dos cuidados maternos, porque a mãe é mais sensível a todos os sinais do seu bebê como capacidade empática básica. Assinala ainda que a religião foi necessária para incrementar a empatia e a ética porque as sociedades começaram a ser grandes demais.

Esses argumentos nos levam a acreditar que a educação também faça parte dessa mesma lógica religiosa como um dispositivo para incrementar a empatia e a ética. Portanto, a empatia não é um método e nem vista como forma epistemicamente ingênua para a compreensão dos demais, mas faz parte de um encontro com o outro dentro de um

contexto cultural, caso contrário é difícil se colocar no lugar do outro. Por isso que para compreender as outras mentes é preciso olhar pela perspectiva do outro mediada pela cultura. A educação também está inserida em um contexto cultural, social, político e econômico. A capacidade empática e a ética estão inseridas nesses contextos. Então, a empatia por si mesma não resolve ao que se refere à educação, pois é importante ter presente tais dispositivos.

Considerações finais

Acreditamos que a educação possa se enlaçar com o processo formativo do eu, com um processo crescente de autoconsciência de si mesmo, e abrir mais possibilidades à autenticidade humana. Desse modo, permite dar-se conta de quem ‘sou eu’ e de quem ‘não sou’, ou seja, a educação também capacita o indivíduo a descobrir a si mesmo e reescrever sua própria história. Uma história autêntica, não alienada e nem mentirosa. A educação, quando abre essas possibilidades, expulsa o indivíduo do paraíso - utilizado como metáfora – sem ser castigado por causa da descoberta de tomar consciência de si mesmo.

A educação que possibilita a autoconsciência permite o sujeito ir ao encontro à realidade pessoal e do outro, pois toma consciência também do outro ao tirar o véu que encobre o próprio rosto, muitas vezes dissimulado e hipócrita. A tomada de consciência permite o indivíduo romper com a mentira sobre si mesmo ao olhar para a própria realidade e a circundante. Desse modo, a tomada de consciência permite um enlace com a empatia, com a ética e com a moral.

Ademais, esse processo constitutivo de si mesmo permite outro olhar para si mesmo e para os outros, desfazendo olhares fixos, determinados e rígidos. O indivíduo se dá conta que não é o dono da verdade, e isso inquieta, pois a verdade absoluta impede a transformação porque enrijece, encripta o sujeito. A empatia é o exercício do ato de escutar, seria como aprender a ler e escrever novamente e o sujeito contar a própria história.

Segundo Larrosa (2017), seria contar a si mesmo e a própria história, mas que a queima após ter escrito porque tem outra história para contar, pois aquela não é definitiva, isso significa se transformar, ser de outra maneira. O autor sugere voltar à própria infância ao pensar no futuro, mas não buscar alguém que saiba as respostas, mas que o próprio sujeito as encontre, mesmo não sabendo todas as respostas. “[...] a resposta poderia matar

a intensidade da pergunta e o que se agita nessa intensidade. Sê tu mesmo a resposta.” (LARROSA, 2017, p. 56).

A empatia na educação possibilita a buscar respostas. Não respostas prontas e acabadas, mas se fazer mais perguntas sem nunca atingir uma resposta definitiva. Isso não foge à ética e nem à moral. A empatia, que também é uma inter-relação assim como a educação, faz o indivíduo voltar para si mesmo com um olhar que interroga ao olhar para o outro, também a si mesmo. Porém, sempre numa busca incessante para conhecer a si mesmo e ao outro como um processo também histórico.

Narrar a própria história possibilita relatar a si mesmo numa busca incessante do autoconhecimento. Quanto mais os indivíduos se conhecem tenderão a ser mais empáticos e éticos. Segundo Butler (2015) o surgimento do “eu” parte de uma matriz e é contextualizado. Quando esse “eu” não tem consciência de si mesmo potencializa a falta de empatia e de ética. Ao não ser potencializado o “eu” volta-se contra si mesmo e poderá arruinar a própria história.

Referências

- BION, W. R. **Elementos em psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- BION, W. R. **Estudos psicanalíticos revisados**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**. Crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- CASAGRANDE, Cledes Antonio. **G. H. Mead & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- CASAGRANDE, Cledes Antonio. Interacionismo simbólico, formação do self e educação: uma aproximação ao pensamento de G. H. Mead. **Educação e Filosofia**. v.30, n.59, p.375-403, jan./jun. 2016. DOI: <https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v30n59a2016-p375a403>
- CASAGRANDE, Cledes Antonio; BOUFLEUER, José Pedro. A educação e a tarefa de formação da cultura, da solidariedade e da personalidade. **Educação**, v. 41, n. 1, p. 135-144, 2018. DOI: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2018.1.24727>
- CASAGRANDE, Cledes Antonio; HERMANN, Nadja. Formação e homeschooling: controvérsias. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-16, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.15.14789.032>
- CHARLOT, Bernard. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área do saber. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v.11, n.31, p. 7-18, jan/abr. 2006.
- DE WAAL, Frans. **Primates y filósofos. La evolución del símio al hombre**. Barcelona: Paidós Ibérica Ediciones, 2006.

DAWKINS, R. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DE WAAL, Frans. **Eu, primata: porque somos como somos**. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DE WAAL, Frans. **A era da empatia: lições da natureza para uma sociedade mais gentil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DE WAAL, Frans. **The Bonobo and the Atheist: In Search of Humanism Among the Primates**. Editora W. W. Norton & Company 2013. (Canadá).

DE WAAL, Frans. **El mono que llevamos dentro**. Barcelona: Tusquets, 2018.

DE WAAL, Frans. **Primatas e filósofos**. Como a moralidade evoluiu. São Paulo: Palas Athená, 2020.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador** (vol. I). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1994.

FREUD, S. Toten y Tabu (1912). In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981, vol. II.

FREUD, S. Introducción al narcisismo (1914). In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981, vol. III.

FREUD, S. Los instintos y sus destinos (1915). In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981, vol. II.

FREUD, S. Lo inconsciente (1915). In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981, vol. II.

FREUD, S. La represión (1915). In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981, vol. II.

FREUD, S. El Yo y el ello (1923). In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981, vol. II.

FREUD, S. El porvenir de uma ilusão (1927). In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981, vol III.

FREUD, S. El malestar en la cultura (1929). In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.

FULGÊNCIO, Leopoldo. A situação do narcisismo primário em Winnicott. In: **Revista Brasileira de Psicanálise**. Vol. 47, n. 3, ano 2013, pg. 131-142.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens. Uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: L&PM, 2018.

KLEIN, Melanie. Nosso mundo adulto e suas raízes na infância (1958). In: **Inveja e gratidão**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KLEIN, Melanie. Inveja e gratidão (1957). In: **Inveja e gratidão**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LARROSA, Jorge B. **Pedagogia profana. Danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LEJARRAGA, Ana L. Os afetos em Winnicott. In: **Cadernos de Psicanálise**, CPRJ, Rio de Janeiro, ano 30, n.21, p.87-101, 2008.

MEAD, George Herbert. **Mind, self, and society: from the standpoint of a social behaviorist**. Chicago: The University of Chicago Press, 1967.

MEAD, George Herbert. **Selected writings**. Chicago: The University of Chicago Press, 1981.

MEAD, George Herbert. **On social psychology**. Chicago: The University of Chicago Press, 1984.

MEAD, George Herbert. **The philosophy of education**. Boulder, CO: Paradigm Publishers, 2008.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos. Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem: educar**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014,

WINNICOTT, D. **A natureza humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Sobre os autores

Sérgio Lasta

Integra o corpo docente da Faculdade Palotina de Santa Maria/RS. Possui graduação em Psicologia pela Universidade Católica de Petrópolis /RJ(1991). Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicanálise. Concluiu o mestrando em Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Maria (RS), defendeu a dissertação em 07 de março de 2014. Foi Vice-diretor da Faculdade Palotina (FAPAS) e atualmente é Coordenador Geral dos cursos de Pós-graduação na mesma faculdade. Fez "Doutorado Sanduíche" na Universidade Estadual Paulista - UNESP - Campus de Assis (SP) de agosto a dezembro de 2017, sob a orientação do Dr. Prof. Sílvio Luis Benelli. Doutor em Educação na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) em Canoas (RS). Contou com auxílio financeiro CAPES/PROSUP. Foi-lhe conferido o título de Doutor em Educação pela Universidade Luterana do Brasil em 16 de setembro de 2019. Email: lastasergiolasta@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4494-9026>

Cledes Antônio Casagrande

Possui graduação em Filosofia pela Universidade La Salle (2003), Mestrado em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI - 2008) e Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS - 2012). Atualmente é docente no PPG em Educação da Universidade La Salle (UNILASALLE) de Canoas, RS, Pró-Reitor de Graduação, Pró-Reitor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão e Vice-Reitor dessa mesma instituição. Tem experiência na área da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, filosofia da educação, teorias da educação, cultura, hibridismo tecnológico, aprendizagem, práxis pedagógica, linguagem e ética. Email: cledes.casagrande@unilasalle.edu.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1499-1661>

Recebido em: 03/02/2022

Aceito para publicação em: 16/02/2022